

## "Rios voadores"

Carlos Bocuhy - Presidente do Proam - Instituto Brasileiro de Proteção Ambiental e  
Conselheiro do Conselho Estadual de Meio-ambiente de São Paulo, Consema.

Uma visão integrada, proporcionada por estudos da meteorologia e das mudanças climáticas, desvenda novos aspectos do ciclo da água e sua dinâmica de relações globais. Aponta para a perda de água em nossa região, como consequência do desmatamento da Amazônia.

O Experimento de Grande Escala da Biosfera-Atmosfera na Amazônia, LBA, do Ministério da Ciência e tecnologia, ligado a outros projetos internacionais de pesquisa indicam fortes impactos para a América do Sul. Apontam ainda a importância dos "Rios Voadores", que abastecem com a umidade da selva amazônica nossa região, e o provável impacto ambiental que o desmatamento pode gerar com a alteração no regime de chuvas nas cabeceiras da Bacia do Rio da Prata, que se estendem pelo Centro-Oeste e o Sudeste do Brasil.

A primeira evidência da teoria foi registrada quando pesquisadores do projeto SALLJEX (South American Low-Level Jet Experiment) soltaram balões com sensores no céu da Amazônia, a fim de coletar dados de pressão atmosférica, temperatura, umidade do ar e velocidade dos ventos. A partir daí, ficou comprovada a formação dos chamados "jatos de baixos níveis" da América do Sul, que segundo o professor José Antonio Marengo Orsini, do Centro de Previsão de Tempo e Estudos Climáticos - CPTEC do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE e coordenador do trabalho, podem ser comparados a "rios voadores" que carregam umidade do norte para o sul do continente.

Os jatos estão relacionados de forma direta com as chuvas do sul do continente (como também foi comprovado pelos cientistas Philip Fearside, do Instituto de Pesquisas da Amazônia-INPA e Pedro Silva Dias, da USP, que afirmaram que essas golfadas podem ser responsáveis por 50% das chuvas da região Sudeste). O desmatamento da Amazônia reduz os volumes de vapor de água que a vegetação local libera na atmosfera e, se continuar, atingirá uma escala que afetará o transporte de umidade para a Bacia do Prata. Com menos umidade, as chuvas diminuiriam na região Sudeste. Ou, como afirma o Prof. Marengo, o problema mais provável seria a alteração na distribuição das chuvas, que aconteceriam mais esporadicamente e com mais intensidade, evento que historicamente tem se demonstrado trágico para uma cidade como São Paulo. O escoamento superficial das pesadas chuvas atinge o oceano e os "veranicos" prolongados, associados ao aquecimento da temperatura média, levariam ao esvaziamento dos reservatórios do sudeste por falta da recarga natural, além do aumento do consumo de água e energia. Consequências devastadoras para os ecossistemas de produção de água envolvidos, além de apagação à vista!

De acordo com o estudo, a fumaça das queimadas também estaria alcançando o sul do continente. Portanto, mais do que nunca a situação na Amazônia é de caráter emergencial. É preciso alertar e conscientizar governos e sociedade, que não possuem a percepção do risco, o que aumenta ainda mais a vulnerabilidade de nossa situação. Essa compreensão de que a sustentabilidade do sudeste brasileiro depende diretamente do ecossistema saudável da Hiléia brasileira deveria levar-nos rapidamente às políticas de efetiva prevenção, contendo imediatamente o desmatamento da Região Amazônica.

Enquanto os rios estão deixando de voar, a sociedade sequer imaginou sua existência. A chuva, ora... cai do céu!